

Circle K Cycles: uma diáspora à brasileira na obra de Karen Tei Yamashita

Cláudio Roberto Vieira Braga (UFMG)

RESUMO: A intenção deste trabalho é oferecer uma discussão sobre a diáspora, a partir de seus aspectos consensuais, presentes nos estudos dos teóricos William Safran (1991), Khachig Tölölyan (1996), James Clifford (1994), Robin Cohen (1995, 1999) e Paul Gilroy (1999). Enfatizamos aqui a necessidade de maior rigor no uso do termo diáspora, ao mesmo tempo em que analisamos, no livro *Circle K Cycles*, a representação ficcional de uma formação diaspórica brasileira. Nesta obra, da escritora nipo-americana Karen Tei Yamashita, identificamos e problematizamos a diáspora por meio de algumas características, como a dispersão e suas razões, as relações com a terra natal, os conflitos no país hospedeiro, o mito do retorno e a consciência de grupo étnico.

Palavras-chave: Diáspora; nipo-brasileiros; Karen Yamashita

ABSTRACT: The intent of this work is to offer a discussion of diaspora, outlined by its consensual features found in the studies of theorists William Safran (1991), Khachig Tölölyan (1996), James Clifford (1994), Robin Cohen (1995, 1999), and Paul Gilroy (1999). Here we emphasize the need of a more accurate use of the term diaspora. Simultaneously, we analyze the fictional representation of a Brazilian diasporic formation in *Circle K Cycles*. In this book, by Japanese-American Karen Tei Yamashita, we identify and problematize diaspora through the means of some characteristics, such as the dispersion and its reasons, the relationship with the homeland, conflicts in the hostland, the myth of return and the ethnic group consciousness.

Keywords: Diaspor, Japanese-Brazilians; Karen Yamashita

Introdução

Diáspora é, de acordo com Paul Gilroy (1999), uma palavra antiga, para a qual “foi dada um sabor decididamente moderno devido à sua utilidade imprevisível” (GILROY, 1999, p. 293) ¹ nas discussões acadêmicas atuais. Entretanto, o termo tem sido empregado na descrição de fenômenos variados de dispersão populacional, que nem sempre podem ser chamados de diáspora. Para Stéphane Dufoix (2003), “diáspora é, atualmente, um termo tão instável que não é raro observar uma quantidade de alterações semânticas em um

¹ “...was given a decidedly modern flavour by its anticipated usefulness...” Esta e as demais traduções no artigo são nossas.

único texto, às vezes em um mesmo parágrafo” (DUFOIX, 2003, p. 54).² Refletindo sobre o aumento significativo do uso da palavra diáspora³, Robin Cohen (1999) sugere que, inicialmente, é preciso compreendê-la em seus aspectos mais elementares. Assim, iniciamos o artigo descrevendo as características da diáspora para, então, investigá-la em *Circle K Cycles* (2001), obra da escritora nipo-americana Karen Tei Yamashita.

O conceito de diáspora está intrinsecamente relacionado a questões de mobilidade humana. Khachig Tölölyan, editor do periódico *Diaspora: a Journal of Transnational Studies*, vê, nas comunidades diaspóricas, a representação típica do momento transnacional em que vivemos.⁴ Apesar disso, Tölölyan sempre introduz suas discussões sobre o assunto lembrando que as diásporas clássicas – a grega, a armênia e a judaica – são anteriores à formação dos estados nacionais.⁵ Por isso, não se deve limitar o debate da diáspora à relação com o Estado-Nação ou ao transnacionalismo, ainda que esta seja, de acordo com Tölölyan, uma tendência atual. Gilroy (1999) vai mais além, afirmando que “diáspora é um termo externo ao nacional” (GILROY, 1999, p. 293).⁶

O fato é que o conceito de diáspora é marcado por incertezas: “os exemplos primordiais já contêm as sementes da ambiguidade tardia” (TÖLÖLYAN, 1996, p.11).⁷ Na introdução a *The Penguin Atlas of the Diasporas*, Gérard Chaliand e Jean-Pierre Rageau (1997) ressaltam “como é difícil, em muitos casos, encontrar um conceito que faça uma distinção clara entre uma migração e uma diáspora, ou entre uma minoria e uma diáspora” (CHALIAND, RAGEAU, 1997, p. xiii).⁸ John Durham Peters, Avtar Brah e Stuart Hall, por sua vez, utilizam expressões como “conceito disperso” (PETERS, 1999, p. 18), “eskorregadio” (BRAH, 1996, p. 179), “heterogêneo e diverso” (HALL, 1997, p. 312) ao sugerirem uma definição para diáspora.

William Safran (1991) marcou a recente teorização sobre o tema ao publicar, em 1991, o artigo “Diaspora in Modern Societies: Myths of Homeland and Return”.⁹ O autor se debruça sobre a tarefa de definir a diáspora de forma a descrever as comunidades

² “Diaspora is currently so labile that it is not unusual to notice a number of semantic shifts, within a single text, sometimes within the same paragraph”.

³ Ellis Cashmore (2000) tem a mesma preocupação e orienta o leitor citando William Safran, James Clifford, Robin Cohen, Stuart Hall e Paul Gilroy como autores que desenvolvem a teoria da diáspora de forma pertinente e rigorosa.

⁴ Cf. TÖLÖLYAN, Khachig. *The Nation-State and its Others*: in Lieu of a Preface. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies**. Toronto: University of Toronto Press, v. 1, n. 1, p. 5, 1991.

⁵ Fazemos referência ao contexto europeu, a partir do fim do século XVIII, quando tem início o processo de consolidação de estados nacionais como França, Inglaterra, Alemanha e Itália.

⁶ “Diaspora is an outer-national term.”

⁷ “...early examples already contain the seeds of later ambiguity.”

⁸ “... how difficult it is in many cases to find a definition that makes a clear distinction between a migration and a diaspora, or between a minority and a diaspora.”

expatriadas, a partir de determinadas características: dispersão de um centro para duas ou mais regiões periféricas ou estrangeiras; manutenção de uma memória coletiva; perspectiva comum e mito sobre a terra natal; crença de que a aceitação plena na sociedade anfitriã não é possível; respeito pela terra natal ancestral como o lar verdadeiro ou ideal e destino de um eventual retorno; compromisso com a manutenção ou restauração da terra natal; sua segurança e prosperidade; e relação pessoal ou indireta que continua a existir com a terra natal por meio de uma consciência étnico-comunitária (SAFRAN, 1991, p. 83-84). Além, é claro, da dispersão geográfica, percebe-se, nessas características, a ênfase à ideia de uma memória coletiva sobre a terra natal e de um passado, ainda que mítico, os quais Safran ilustra com exemplos de várias diásporas.

Mais tarde, em um ensaio intitulado “Diasporas and the Nation-State”, Robin Cohen (1999) também elabora uma lista de características comuns à diáspora, semelhantes àquelas arroladas por Safran (1991). Cohen (1999), porém, inclui novas características:

2. [...] uma expansão para além de uma terra natal à procura de trabalho, em busca de comércio ou por futuras ambições coloniais.
[...]
8. Um senso de empatia e solidariedade com membros de mesma etnia em outros países de assentamento.
9. A possibilidade de uma vida peculiar, até mesmo enriquecedora e criativa, nos países anfitriões com uma tolerância para o pluralismo. (COHEN, 1999, p. 274) ¹⁰

Estes atributos, somados aos de Safran (1991), constituem a base da investigação que aqui nos propomos, tendo, como objeto de estudo, uma obra literária.

Último livro de Yamashita, *Circle K Cycles* possui uma estrutura complexa, com um prólogo, seis seções e um epílogo. Cada seção apresenta capítulos curtos: alguns são relatos de viagens da autora, outros são contos. O conjunto da obra, um híbrido de ficção e não-ficção, é o resultado de uma viagem de seis meses que Yamashita fez ao país de seus avós, em 1997, cuja finalidade principal era “conhecer e entender a comunidade brasileira que vive no Japão” (YAMASHITA, 2001, p. 11).¹¹ A própria autora oferece sua definição para *Circle K Cycles*: “um esforço para pintar um quadro o mais variado e texturizado possível da vida que eu vi e experimentei durante aquele tempo” (YAMASHITA, 2001, p.

⁹ Este trabalho de Safran foi reproduzido na coletânea *Migration, Diasporas and Transnationalism*, organizada por Robin Cohen e Steven Vertovec (1999).

¹⁰ 2.[...] expansion from a homeland in search of work, in pursuit of trade or to further colonial ambitions. [...]

8. A sense of empathy and solidarity with co-ethnic members in other countries of settlement.

9. The possibility of a distinctive yet creative and enriching life in host countries with a tolerance for pluralism.

¹¹ “...to meet and understand the Brazilian community living in Japan.”

11).¹² Para atingir seu objetivo, ela lança mão de recursos expressivos variados: colagens de fotos, ilustrações, camisetas, publicidade, cadernos, sacolas, toalhas, manchetes, notícias e anúncios de jornal. Tudo se apresenta em três diferentes línguas: inglês, português e japonês.

No emaranhado literário de *Circle K Cycles* está uma comunidade diaspórica e seus sujeitos hifenizados. Precisamente, é do hífen que separa e une o substantivo composto “nipo-brasileiro” que nasce o questionamento: a experiência de mobilidade vivida pelos brasileiros de origem japonesa é um fenômeno da diáspora brasileira ou seria a diáspora da diáspora japonesa? O que ocorre em uma formação diaspórica dupla – a diáspora de uma diáspora – em que sujeitos são constituídos por sua própria experiência de mobilidade, somada à de seus antepassados? O que é, afinal, uma “diáspora brasileira”?

A mobilidade de brasileiros constitui um fenômeno pouco estudado à luz da teoria da diáspora, talvez por ser muito recente. Os principais teóricos da diáspora dos anos 90 não mencionam os movimentos migratórios brasileiros como exemplos de diáspora. Todavia, o fato de não ter sido investigada não significa que seja inexistente, ou que a experiência brasileira de mobilidade não possa ser analisada com tal base teórica. Tomemos o argumento de Clifford, na introdução de “Diaspora” (1994), para alicerçar a tarefa a que nos propomos: a teorização da diáspora “está sempre inserida em mapas e histórias específicos” (CLIFFORD, 1994, p. 215).¹³ Investigar, portanto, o caso brasileiro é uma tarefa paradoxal: buscar semelhanças com outras diásporas para identificar as diferenças histórico-culturais que a caracterizam. Mas Clifford (1994) também assegura que a teoria da diáspora tem sido, em grande parte, desenvolvida por analogia, enfatizando que seu próprio ensaio “empenha-se em manter um escopo comparativo” (CLIFFORD, 1994, p. 215).¹⁴ Assim, pretendemos reunir as evidências que caracterizam a diáspora brasileira representada em *Circle K Cycles* também em comparação com outras diásporas, citadas e investigadas nos textos de Safran, Cohen e Clifford.

O antropólogo Daniel Touro Linger (2001) também entende o deslocamento de brasileiros, a partir da década de 80, como uma diáspora. Em seu livro *No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan* (2001), ele classifica a comunidade nipo-brasileira em território japonês como a “terceira maior diáspora brasileira (170.000)” (LINGER, 2001, p. 24, grifo nosso), atrás dos brasileiros nos Estados Unidos (610.000) e no Paraguai

¹² “...an effort to paint as varied and textured a portrait as possible of the life I saw and experienced during that time.”

¹³ “...is always embedded in particular maps and histories.”

¹⁴ “... strives for comparative scope.”

(325.000).¹⁵ Dois anos depois, no artigo “Do Japanese Brazilians Exist?” (2003), Linger pergunta se os nipo-brasileiros são, afinal, uma diáspora. Mas, nesse texto, o autor parte da hipótese de que os nipo-brasileiros são, na verdade, japoneses e, portanto, parte da diáspora japonesa. Afinal, as questões sanguíneas foram o critério utilizado para a elaboração do Ato de Reconhecimento de Refugiados e Controle de Imigração de 1990, a chamada lei da imigração, que sistematizou a entrada dos descendentes de japoneses no Japão.¹⁶ Neste caso, a ida dos nipo-brasileiros para o Japão é entendida como um retorno. Entretanto, Linger (2003) conclui que os nipo-brasileiros não são japoneses diaspóricos: “Com exceção talvez da imaginação daqueles que fizeram a nova lei de imigração, japoneses diaspóricos são, eu creio, uma raridade” (LINGER, 2003, p. 211).¹⁷ Observa-se que Linger (2003) percebe os nipo-brasileiros como um grupo ainda a ser definido, pois os vê desprendidos de sua ancestralidade japonesa, daí sua afirmação de que não são japoneses diaspóricos. Além disso, ao alegar que japoneses diaspóricos são uma raridade, Linger é cuidadoso ao considerar apenas o contexto de sua pesquisa no Japão; no *corpus* de nipo-brasileiros por ele analisado, quase não há japoneses diaspóricos.

Em nossa apreciação, os nipo-brasileiros no Japão constituem uma formação diaspórica que é parte de uma diáspora brasileira, iniciada nos anos 80 e com pontos de assentamento em outros países. Passamos, portanto, a explorar a representação da diáspora de *Circle K Cycles*, problematizando-a a partir dessas considerações iniciais.

Caracterizando a diáspora em *Circle K Cycles*

Safran (1991) e Cohen (1995) partem da premissa de que uma diáspora deve constituir uma dispersão que tenha início em uma terra natal e que o grupo em movimento se desloque para duas ou mais regiões estrangeiras. *Circle K Cycles* não menciona o contexto global da diáspora brasileira, mas a caracterização de outras formações diaspóricas de brasileiros pode ser detectada em um contexto não literário, como o já citado trabalho de Linger (2001), ou por meio dos estudos do governo do Brasil, que

¹⁵ Os números apresentados não são o foco do argumento mas talvez seja útil esclarecer que em 2000, na última contagem do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), eram 224.970 brasileiros no Japão, 454.501 no Paraguai e 799.203 nos Estados Unidos. <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/atlas/pag021.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2008.

¹⁶ Vale destacar, entretanto, que a imigração brasileira para o Japão já vinha ocorrendo nos anos 80, viabilizada por leis pré-existentes, que não estavam sistematizadas em um único documento. Para maiores informações, cf Naoto Higuchi (2005).

¹⁷ “Except perhaps in the imaginations of those who designed the new immigration law, diasporic Japanese are, I believe, a rarity.”

registram a dispersão de brasileiros no mundo.¹⁸ Nesse sentido, pode-se afirmar que há um histórico de dispersão – aspecto primordial da diáspora – iniciada no Brasil, a partir da década de 80.

Na segunda característica da lista de Cohen (1995), o autor estabelece três possibilidades para a geração de uma diáspora: a necessidade de trabalho, o comércio ou as ambições coloniais. Em *Circle K Cycles*, a ida dos nipo-brasileiros para o Japão se deve à falta de trabalho no Brasil e à necessidade de mão-de-obra barata no Japão. Enquanto, no Brasil, os anos 80 são a “década perdida”, devido a fortes crises econômicas, no Japão a economia vive um período de intenso crescimento. Nesse cenário, o Estado japonês cria mecanismos que favorecem a entrada de niseis e sanseis, com o objetivo de suprir a falta de mão-de-obra. Juntos, o desemprego brasileiro e a oferta de trabalho no Japão são os impulsos que desencadeiam a diáspora nipo-brasileira: “Desde 1990, um número crescente de nipo-brasileiros e suas famílias vêm imigrando para o Japão como operários contratados para trabalhar nas inúmeras fábricas” (YAMASHITA, 2001, p. 13-14).¹⁹ Para os nipo-brasileiros, os primeiros conflitos surgem no campo profissional: “Suas vidas no Brasil devem ter sido muito diferentes; eles, provavelmente, nunca trabalharam em uma fábrica antes. Agora, eles giram em torno dos três Ks: Kitanai, Kitsui e Kigen. Trabalho considerado sujo, difícil e perigoso” (YAMASHITA, 2001, p. 32).²⁰ Ao serem submetidos a trabalhos subalternos, os nipo-brasileiros tem sua auto-estima afetada, situação agravada pelo desprezo da sociedade japonesa.

Entretanto, os decasségus²¹ desenvolvem estratégias de sobrevivência, como em qualquer diáspora. Para Cohen (1995), uma diáspora pode se deparar com uma sociedade pluralística, que aceita, ou ao menos tolera e negocia sua presença, ou então se vê em um ambiente hostil. O autor apresenta a diáspora judaica como exemplo para as duas situações: onde são aceitos, os judeus desenvolvem “centros de civilização, cultura e aprendizado” (COHEN, 1995, p. 255).²² Mas, no tempo do rei Nabucodonosor, o povo judeu foi subjugado e deportado para a Babilônia, no episódio conhecido como a primeira diáspora judaica: “sua residência forçada na Babilônia forjou uma oportunidade para construir e

¹⁸ Cf IBGE <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/atlas/pag021.pdf>

¹⁹ “Since 1990 a growing number of Japanese Brazilians and their families have migrated to Japan as contract laborers to work in the myriad parts and subparts factories that support the products of companies like Toyota, Mitsubishi, Yamaha, Sony, Subaru, Sanyo, and Suzuki.”

²⁰ “Their lives in Brazil may have been very different; they may have never worked a factory job before. Now they circle the three Ks. Kitanai. Kitsui. Kigen. Work designated as dirty, difficult, dangerous.”

²¹ Decasségui é “aquele que se fixa, mas apenas temporariamente, no Japão, para trabalhar frequentemente como mão-de-obra direta” (HOUAISS).

²² “...centres of civilisation, culture and learning.”

definir sua experiência histórica, inventar sua tradição” (COHEN, 1995, p. 254).²³ Resguardadas as diferenças históricas, esta última condição, a de viver em um meio hostil, é a que melhor se aplica à diáspora brasileira em *Circle K Cycles*.

Mas antes de analisar as relações da diáspora com o país hospedeiro, é pertinente tratar dos laços com a terra natal. Safran (1991), como já mencionamos, considera a relação com a terra natal fundamental para a diáspora. Crítico do trabalho de Safran, Clifford (1994) reduz a necessidade de se colocar a relação entre diáspora e terra natal como prioridade na teoria da diáspora: “Tenho assinalado, por exemplo, que as conexões transnacionais ligando diásporas não precisam ser articuladas primariamente por meio de uma terra natal real ou simbólica – pelo menos não no grau que Safran sugere” (CLIFFORD, 1994, p. 219).²⁴ A ideia que prevalece, desse modo, é a de não atribuir um valor excessivo à relação entre a diáspora e a terra natal.

Entretanto, não haveria como ignorar essa questão em *Circle K Cycles*, em que verificamos a tendência em se criar mitos coletivos sobre a pátria, aspecto típico da maioria das diásporas. Para os decasségus, o Brasil é idealizado como uma terra de calor humano e fortes laços familiares. Também aspectos culturais como a comida, o futebol e a música contribuem para se imaginar um Brasil ideal.

Portanto, o Brasil imaginado pelo decasségui é vinculado à afetividade: um lugar que merece o sacrifício de longas horas de trabalho, cujos laços, mesmo que a distância, devem ser mantidos. A saudade é potencializada pelo fato de que muitos imigram sozinhos, fazendo da manutenção dos laços familiares uma prioridade, uma questão de sobrevivência e o principal elo com a terra natal: “Jorginho, você sabe que eu dou a maior parte do dinheiro que eu ganho pra minha mãe, coitada, pras despesas. Ela manda todo o dinheiro dela pro Brasil” (YAMASHITA, 2001, p. 25).²⁵ Esta fala, da personagem Miss Hamamatsu, ilustra o caso de milhares de decasségus no Japão, comprometidos em sustentar entes queridos no Brasil.

Yamashita também examina a relação do sujeito diaspórico com a comida. O arroz e o feijão, conforme a autora, são como o *Gohan* para os japoneses: a comida sagrada de cada dia, o alimento do povo, diretamente associado à terra natal: “O que é que a comida da sua terra natal, da cozinha da sua mãe, te proporciona? Por que a desejamos tanto? Por que

²³ “...their enforced residence in Babylon provided an opportunity to construct and define their historical experience, to invent their tradition.”

²⁴ “I have stressed, for example, that the transnational connections linking diasporas need not be articulated primarily through a real or symbolic homeland – at least not to the degree that Safran implies.”

nosso paladar nos atrai para o lar? Será que a comida da mamãe era tão boa assim?” (YAMASHITA, 2001, p. 83).²⁶ Além de demonstrar que a comida amarra os laços afetivos, esse questionamento também direciona nossa análise para o fato de que a ligação entre a comunidade diaspórica nipo-brasileira e o Brasil deve também ser apreendida em termos culturais. Ao discorrer sobre o trabalho de Gilroy (1999, 2001), Clifford (1994) comenta que “as culturas da diáspora operam no sentido de manter a comunidade, preservando e recuperando tradições de forma seletiva, adaptando-as e apresentando novas versões delas, híbridas e, frequentemente, antagônicas” (CLIFFORD, 1994, p. 230).²⁷ Em *Circle K Cycles*, o processo de desenvolvimento e vivência de uma cultura de diáspora tem ampla representação. Um bom exemplo é o jogo de futebol da seleção brasileira em Osaka.

Nessa história, o olhar da narradora não cai na armadilha do estereótipo do “país do futebol”. Para ela, o esporte é um pretexto para um encontro festivo, que dá margem a outras percepções. Com a atenção voltada para o entorno do acontecimento central, Yamashita descreve as manifestações culturais e o comportamento dos brasileiros ainda no carro: “É uma jornada de três horas pela *kosoku* [rodovia] até Osaka. São também três horas contando casos. Há piadas e histórias de “pegadinhas”, revelando uma infância cheia de humor inimaginável no Japão ou até mesmo nos EUA” (YAMASHITA, 2001, p. 130).²⁸ Chegando ao estádio, ela vê grupos de brasileiros dançando a ‘dança da garrafa’, outros vestindo camisas de times brasileiros. Alguns japoneses participam, deixando-se contagiar pela alegria e bom humor. Às cinco da tarde, antes do jogo começar, “as coisas começam a esquentar no front. Um grupo de samba está tocando tambor. Os brasileiros não conseguem ficar sem os seus ritmos. A baderna barulhenta e a farra são contagiantes. A sensação aumenta com a expectativa” (YAMASHITA, 2001, p. 132).²⁹ Antes do jogo, há também show de capoeira e mais samba.

A espontaneidade dos casos e piadas, a interatividade, a dança e a música são características culturais atribuídas aos brasileiros, detectadas pela narradora no dia do jogo da seleção brasileira, uma rara ocasião de lazer. O retrato da explosão cultural dá o tom da relação entre a diáspora brasileira e a terra natal: o mito que se forma em torno da pátria é fundamentado

²⁵ “Jorginho you know I give most of the money I make to my mother, poor thing, for expenses. She sends all her money to Brazil.”

²⁶ “What is that the food of your homeland, of your mother’s kitchen, will provide you? Why do we crave it so badly? Why do our tongues pull us home? Was mom’s cooking really good?”

²⁷ “...diaspora cultures work to maintain community, selectively preserving and recovering traditions, “customizing” and “versionizing” them in novel, hybrid, and often antagonistic situations.”

²⁸ “It’s a three-hour ride over the *kosoku* (highway) to Osaka. It’s also three hours of storytelling. There are jokes and prankster tales revealing a childhood full of a humor unimaginable in Japan or even in the U.S.”

²⁹ “Things are intensifying at the front. A samba group is drumming it up. Brazilians can’t be without their rhythms. The noisy ruckus and hilarity are infectious. The sensation of it swells with expectation.”

em práticas culturais de nuances descontraídas e festivas. Além disso, a exuberância da folia descrita conduz a um questionamento: que Brasil é esse que os decasségus têm em mente? A reprodução de certos padrões culturais brasileiros no Japão revela a necessidade e o desejo contido de recriação nostálgica da terra natal. Extravasar esse desejo resulta na festa feita no estádio, simbolizando a reprodução de um Brasil que está na memória coletiva da comunidade diaspórica brasileira. Em seu trabalho, Safran (1991) afirma que comunidades diaspóricas desenvolvem memórias coletivas e uma perspectiva comum sobre a terra natal, tendendo a fazer da pátria um mito. Na partida de futebol de *Circle K Cycles*, o Brasil é imaginado como pátria ideal, sendo a pobreza e o desemprego esquecidos temporariamente. A ilusão, porém, possui um caráter efêmero: “a névoa da festa brasileira que encheu todo o ar se dissipa gradualmente. Os ritmos se cansam. O carnaval revela a sua tristeza” (YAMASHITA, 2001, p. 132).³⁰ Com o fim do jogo, muitos decasségus ainda vão pegar o turno da noite nas fábricas e o encanto se desfaz.

O jogo de futebol em *Circle K Cycles* revela uma “modalidade brasileira” de ligação entre a diáspora e a terra de origem, levando-nos a outra característica da diáspora: o desejo do retorno. Podendo se concretizar ou não, o retorno é uma aspiração que alimenta a comunidade diaspórica, como Safran (1991) assinala. Para ele, o retorno se transforma em um mito, assim como a terra natal. Nesse aspecto, Safran e Cohen têm entendimentos semelhantes: na diáspora, ocorre “o desenvolvimento de um movimento de retorno que adquire uma aquiescência coletiva” (COHEN, 1999, p. 274).³¹

Em *Circle K Cycles*, o mito do retorno é construído por um aparato que aprisiona os decasségus em uma armadilha de visões distorcidas sobre a terra de origem e sobre o país hospedeiro. A motivação inicial para a emigração – a busca de solução para o desemprego – não garante melhor qualidade de vida em terras japonesas, como na história de Zé Maria Fukuyama. No Brasil, recebe uma promessa de trabalho em empresa renomada, boa remuneração e apartamento. No Japão, “eles o colocaram junto com outros sete homens num apartamento de dois quartos, num bangalô de latão pré-fabricado. A empresa contratante pegou seu passaporte como garantia” (YAMASHITA, 2001, p. 35).³² Zé Maria é mais um decasségui ludibriado. Uma vez no Japão, eles são obrigados a trabalhar “longas horas, semanas de seis, até sete dias, assumindo horas extras, sem

³⁰ “the steam of Brazilian revelry that filled the very air gradually seeps away. The rhythms tire. The carnival reveals its tristeza.”

³¹ “the development of a return movement which gains collective approbation.”

³² “...they put him up with seven other men in a two-room apartment in a pre-fab tin box bungalow. The contract company took his passport as a guarantee.”

feriados, durante meses a fio” (YAMASHITA, 2001, p. 14).³³ Sob estas condições, o retorno se torna mais almejado. Zé Maria também narra como o anseio pelo retorno à terra natal é manipulado pelos jornais publicados no Japão para o público brasileiro: “Como a imprensa sobrevive de anúncios pagos pelas empreiteiras, agências de viagens, bancos, agências de despachantes e companhias telefônicas, o clima estará *sempre* favorável ao retorno *e*, ao mesmo tempo, *nunca* estará bom para voltar” (YAMASHITA, 2001, p. 34).³⁴

Zé Maria é um dos poucos cientes das incertezas causadas pelos meios de comunicação, que mantêm o sonho de retorno dos decasségus e, ao mesmo tempo, induzindo-os a permanecerem por mais tempo. Peças fundamentais de um esquema de convencimento, os jornais também contam histórias de decasségus bem-sucedidos e trazem anúncios de empresas brasileiras interessadas em captar os recursos economizados por estes trabalhadores: “Imóveis no Brasil – Sua propriedade no Brasil. Boa oportunidade para compra de populares (*sic*) no Grande ABC” (YAMASHITA, 2001, p. 50).³⁵

Ao anunciarem nos jornais direcionados ao decasségui, as construtoras brasileiras exploram o desejo coletivo de (re)constituição do lar na terra natal, que começa com a aquisição da casa própria. Voltar, entretanto, pode não ser uma experiência bem sucedida, o que pode ser confirmado tanto nos estudos de Linger (2001) quanto na ficção de Yamashita: “Ao mesmo tempo em que alguns obtêm sucesso no restabelecimento de suas vidas no Brasil, muitos voltam ao Japão, tendo perdido seus investimentos ou sua capacidade de reintegrar-se à vida brasileira” (YAMASHITA, 2001, p. 14).³⁶

Enquanto negociam o desejo, a impossibilidade do retorno e a dissipação da noção de pertença, a comunidade diaspórica vive o dia-a-dia no país hospedeiro. De acordo com Cohen (1999), a diáspora apresenta “uma relação conturbada com a sociedade anfitriã, sugerindo, pelo menos, uma falta de aceitação ou a possibilidade de que outra calamidade possa advir ao grupo” (COHEN, 1999, p. 274).³⁷ Yamashita registra, assim como Linger (2001, 2003), um estilo “contemporâneo” de hostilidade praticada pela sociedade e pelo governo do Japão. As autoridades japonesas demonstram querer controlar a atividade dos estrangeiros, emitindo vistos que permitem apenas trabalhos inferiores: “Tanto o governo quanto as empresas esperavam encontrar uma forma de repor a falta de mão-de-obra industrial

³³ “...long hours, , six, even seven-day weeks, taking on overtime without holidays for months on end.”

³⁴ “Since the Newspaper is supported by ads paid for by Empreiteiras, Travel Agencies, Banks, Dispatching Service Agencies, and Telephone Companies, it will *always* be favorable to return *and* it will *never* be favorable.”

³⁵ “Imóveis no Brasil – Your real estate in Brazil. Boa oportunidade para compra de populares está no Grande ABC.”

³⁶ “While some may succeed in reestablishing their lives in Brazil, many return to Japan, having lost their investments or their ability to reintegrate into Brazilian life.”

não especializada” (YAMASHITA, 2001, p. 13).³⁸ A forma como o Japão manipula a entrada e a atividade de brasileiros é equivalente ao que Safran (1991) teoriza: “Os integrantes de comunidades diaspóricas são, de forma alternada, maltratados pelo país anfitrião como sendo “estranhos nas dependências internas”; podem ser, então, explorados em favor dos interesses domésticos e diplomáticos do país anfitrião” (SAFRAN, 1991, p. 373).³⁹ A lei de 1990 é a pedra fundamental na construção de uma relação entre país hospedeiro e comunidade diaspórica que é exploratória, fruto de um “capitalismo pária”. Esta expressão, aqui empregada para caracterizar a diáspora brasileira, é utilizada por Safran (1991) para discutir as diásporas armênia, judaica, indiana e chinesa. Safran (1991) as vê situadas entre um país hospedeiro desenvolvido e a terra de origem subdesenvolvida: “elas têm funcionado como intermediárias entre a agricultura de subsistência da maioria nativa e os interesses mais comerciais e industriais de países estrangeiros” (SAFRAN, 1991, p. 370).⁴⁰ *Circle K Cycles* não demonstra se os nipo-brasileiros vêm de comunidades agrícolas, como os chineses, embora saibamos de muitas comunidades no interior de São Paulo. Mesmo assim, o lugar intermediário de que fala Safran (1991) é característica óbvia da diáspora brasileira no Japão.

Além do governo japonês, outros setores da sociedade apresentam práticas hostis e xenóforas, como um anúncio público feito em uma loja: “Atenção, compradores e balconistas! Estrangeiros entraram na loja. Compradores, por favor, cuidem da segurança de seus pertences pessoais. Balconistas, por favor, fiquem alertas para possível roubo de mercadorias” (YAMASHITA, 2001, p. 47).⁴¹ Na mesma seção, o imperador do Japão, em visita ao Brasil, declara: “Ficarei muito feliz se isso [o fenômeno decasségui] resultar em oportunidades para maior intercâmbio entre os povos de nossos países. Espero que sua estada no Japão seja frutífera e que eles possam fazer bons amigos antes de voltar ao seu país” (YAMASHITA, 2001, p. 49).⁴² Não é de se admirar, portanto, que a comunidade diaspórica brasileira, no Japão, assim como outras diásporas, “acredite que não seja, e que talvez não possa

³⁷ “A troubled relationship with host societies, suggesting a lack of acceptance at the least or the possibility that another calamity might befall the group.”

³⁸ “Both the government and business hoped to find a way to replenish the loss of unskilled factory labor.”

³⁹ “Members of diaspora communities are by turns mistreated by the host country as ‘strangers within the gates’ or welcomed or exploited for the sake of the domestic and diplomatic interests of the host country.”

⁴⁰ “... they have functioned as intermediaries between the subsistence agriculture of the native majority and the more commercial and industrial concerns of foreign countries.”

⁴¹ “Attention shoppers and clerks! Foreigners have entered the premises. Shoppers, please take care to secure your personal belongings. Clerks, please watch for possible theft of merchandise.”

⁴² “I will be very happy if this (dekasegi phenomenon) results in opportunities for more interchange between the people of our countries. I hope that their stay in Japan will be fruitful and that they can make good friends here before they return to their country.”

ser, totalmente aceita pela sociedade anfitriã e que, por isso, se sinta parcialmente excluída e insulada dela” (SAFRAN, 1991, p. 364).⁴³

As atitudes discriminatórias da sociedade japonesa não deixam muitas alternativas aos brasileiros, que reagem construindo para si uma rede de relacionamento e de ajuda mútua: “Eles rapidamente montaram pequenos negócios; serviços como programas educacionais, creches, serviços jurídicos e de documentação, associações e redes de todos os tipos, incluindo times de futebol, cyber cafés e escolas de samba” (YAMASHITA, 2001, p. 14).⁴⁴ Tantas alternativas criativas demonstram que a comunidade brasileira é composta por indivíduos que desejam e necessitam estar juntos, apresentando uma consciência de grupo. Segundo Cohen (1999), estas são características das diásporas. Para o autor, comunidades diaspóricas apresentam uma consciência étnica forte, sustentada por um período longo e baseada num senso de distinção, de história comum e na crença em um destino comum. Os personagens de *Circle K Cycles* constituem, em diversos aspectos, um grupo étnico. Não há dúvidas, por exemplo, que eles se veem como diferentes e são, além disso, vistos como tal pelos observadores externos. Outros aspectos identitários comuns a grupos étnicos são o apego à língua materna, à comida e a sua ancestralidade comum.

A língua portuguesa funciona como um elemento simbólico relevante na composição cultural do grupo. Célia é professora de português para filhos de brasileiros nascidos no Japão. Seu “ofício diaspórico” aproxima Iara de sua mãe Fátima, que não domina o idioma japonês: “Alice pensava como falar português tinha mudado a relação entre Fátima e sua filha. Era como se estivessem tentando compensar todo o tempo que Fátima passava trabalhando longe de Iara” (YAMASHITA, 2001, p. 88).⁴⁵ A personagem Alice nos dá a entender que a demanda por aulas de português na comunidade nipo-brasileira confirma a relevância da língua ancestral para a nova geração, pelo menos no lar, onde o relacionamento afetivo se realiza. Yamashita também utiliza o português como língua narrativa em *Circle K Cycles*, mesclada ao inglês e ao japonês. Folhear as páginas do livro gera, além da curiosidade, uma sensação de estranheza advinda de uma compreensão apenas parcial. O leitor nativo da língua inglesa se depara com os caracteres que compõem a língua japonesa e com textos e expressões em português, que nem sempre são traduzidos. O efeito desta combinação provoca o leitor, obrigando-o a uma

⁴³ “... they believe that they are not – and perhaps may not be - fully accepted by the host society and therefore feel partly alienated or insulated from it.”

⁴⁴ “They have rapidly built small businesses; services such as educational programs, child care facilities, documentation and legal services, and associations and networks of every kind including soccer teams, internet cafés, and samba schools.”

⁴⁵ “Alice thought about how speaking Portuguese had changed the relationship between Fátima and her daughter. It was as if they were trying to make up for lost time, for all the time Fátima spent working away from Iara.”

experiência, no mínimo, desconcertante, da mesma forma que os personagens nipo-brasileiros no Japão, ele precisa lidar e conviver com signos desconhecidos, tentando compreendê-los.

Outro elemento simbólico relacionado entre as características que compõem o foco cultural de um grupo étnico é a comida. Para Yamashita, “no núcleo de cada existência brasileira, no Japão, você encontra comida. Às vezes, é um restaurante; às vezes, uma cantina, ou supermercado, ou um karaokê” (YAMASHITA, 2001, p. 83).⁴⁶ A demanda pela comida brasileira que a narradora observa nos decasségus é uma forma de apego da comunidade diaspórica à terra natal. A culinária tradicional brasileira, associada à afetividade do lar materno, instiga a narradora: “A comida da mamãe era tão boa assim?” (YAMASHITA, 2001, p.83).⁴⁷ A resposta a esta pergunta poderá ser positiva, se considerarmos a significativa carga afetivo-cultural que o ato de cozinhar e a comida trazem, principalmente, no âmbito familiar. Os jovens decasségus, por exemplo, rejeitam a comida japonesa, alegando que ela “não sustenta”. Eles perdem peso quando chegam ao Japão.

Conclusão

Circle K Cycles descreve, portanto, um caso de diáspora, se considerarmos os aspectos da teoria da diáspora aqui discutidos e aplicados ao nosso objeto de análise. Para Cohen (1999), uma diáspora pode ser detectada de acordo com até nove características. A história dos decasségus de *Circle K Cycles* preenche, com coerência, a maioria dos aspectos listados pelo autor. Apesar disso, ressaltamos que há características diaspóricas não retratadas em *Circle K Cycles*, como a existência de uma conexão internacional entre diásporas em diferentes países (SAFRAN, 1991, TÖLÖLYAN, 1996 e COHEN, 1999). No entanto, o próprio Cohen ressalta que “nenhuma diáspora vai manifestar todos os aspectos” (COHEN, 1999, p. 274).

Estariam os sujeitos diaspóricos de outras diásporas mais interconectados que os brasileiros de *Circle K Cycles*? Seriam, neste caso, diásporas “mais diaspóricas” que a brasileira? Pela análise desenvolvida, pode-se concluir que as ligações e o senso de coletividade entre os brasileiros também existem, mas são histórica e culturalmente

⁴⁶ “In the center of every Brazilian life in Japan, you find food. Sometimes it is a restaurant; sometimes a cantina and grocery store, or a karaoke bar.”

⁴⁷ “Was mom’s cooking really good?”

específicos. Nesse aspecto, é relevante notar como Yamashita desconstrói, de forma perspicaz, os estereótipos tanto de brasileiros quanto de japoneses. A autora percebe o choque cultural do encontro de brasileiros e japoneses no Condomínio Homi-Danchi, que “dá uma sensação de um silêncio opressivo – o som das pessoas adormecidas que trabalham no turno da noite, o som de uma maioria calada que quer, a qualquer custo, ser aceita, o som de gente tentando realmente ficar em silêncio” (YAMASHITA, 2001, p. 16).⁴⁸ Assim, o silêncio reinante no condomínio sugere um confinamento sócio-cultural que, ironicamente, aprisiona tanto brasileiros, pressionados pelas regras a que não estão acostumados, quanto japoneses, que seguem as determinações por sua imensa necessidade de serem aceitos.

Com relação à opção de recorte teórico feita, percebemos que, ao afirmarem com veemência o caráter coletivo da diáspora, teóricos como Safran (1991) e Cohen (1995, 1999) podem perder de vista a dimensão individual que se justapõe ao grupo, e que também deve ser analisada no contexto da diáspora. A diáspora não deve ser teorizada apenas a partir de laços – impostos ou não – que reúnem indivíduos em grupos, gerando coletividades, para que não se corra o risco de se tornar incompleta ou insuficiente como metodologia de pesquisa.

Ainda com relação ao caráter coletivo da diáspora, notamos que a representação literária, na obra de Yamashita, também atenta para a questão da “falsa” coesão de grupo. No exemplo de *Circle K Cycles*, muitas características atribuídas ao grupo são construções patrocinadas pelo Estado-Nação brasileiro. Vale lembrar também que Sudesh Mishra (2002), em “Diaspora Criticism”, ressalta que nem Safran (1991) nem Cohen (1995, 1999) parecem “sentir a necessidade de refletir criticamente sobre os perigos de se representar diásporas-modelo como coletividades étnicas neutras em questões de classe, gênero e gerações” (MISHRA, 2002, p. 17). É como se projetassem a terra natal e o país hospedeiro como entidades territoriais fixas e homogêneas e forjassem seu argumento em um binarismo.

Outra consideração final que, de fato, é uma contradição de cunho analítico, nasce de nossa proposta inicial: examinar a diáspora brasileira tomando por base textos teóricos que, frequentemente, se valem das características das diásporas clássicas. Não fazer referências teóricas a elas é uma tarefa impraticável, ao mesmo tempo em que fazer delas o único parâmetro é inviável. Tomemos como exemplo a relação entre diáspora, terra natal e país hospedeiro: em *Circle K Cycles*, tal relação é perpassada pela influência do Estado-Nação na comunidade

⁴⁸ “...gives you a sense of an oppressive quiet – the sound of sleeping people who work the night shift, the sound of a

diaspórica, ao passo que, em diásporas clássicas, essa relação precede a formação dos estados nacionais. Portanto, a fim de compreender melhor uma diáspora que ocorre na era moderna, é preciso analisar com afinco o papel do Estado-Nação, uma questão que propomos para futuras pesquisas.

Referências Bibliográficas

- BRAH, Avtar. Diaspora, Border and Transnational Identities. In: _____. **Cartographies of Diaspora: Contesting Identities**. London and New York: Routledge, 1996. p. 178-248.
- CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução de Dinah Kleve. São Paulo: Summus, 2000.
- CHALIAND, Gerard; RAGEAU, Jean-Pierre. **The Penguin Atlas of the Diasporas**. New York: Viking, 1997. p. xiii- xxi.
- CLIFFORD, James. Diaspora. **Journal of Cultural Anthropology**, Troy, NY, v.3, n.9, p. 302-38, 1994.
- COHEN, Robin. Diasporas and the Nation-State: from Victims to Challengers. In: _____. VERTOVEC, Steven. (Eds). **Migration, Diasporas and Transnationalism**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 266-278.
- _____. Rethinking 'Babylon': Iconoclastic Conceptions of the Diasporic Experience. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin.(Eds). **Migration, Diasporas and Transnationalism**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1995. p. 252-265.
- DECASSÉGUI. In: HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001. Versão 1.0, 1 CD-ROM.
- DUFOIX, Stéphane. The Spaces of Dispersion. In: _____. **Diasporas**. Tradução de William Rodarmor. Berkeley: University of California Press, 2008. p. 35-58.
- GILROY, Paul. Diaspora. In: VERTOVEC, Steven; COHEN, Robin.(Eds.). **Migration, Diasporas and Transnationalism**. Cheltenham, UK: Edward Elgar Publishing, 1999. p. 293-298.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London: Sage Publications, 1997. 408 p. (Coleção Culture, Media and Identities).
- HIGUCHI, Naoto. Brazilian Migration to Japan: Trends, Modalities and Impact. In: Expert Group Meeting on International Migration and Development in Latin America and The Caribbean. 2005, Mexico City. **Population Division**. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/meetings/IttMigLAC/P11_Higuchi.pdf> Acesso em: 15 de ago. 2008.
- LINGER, Daniel T. Do Japanese Brazilians Exist? In: LESSER, Jeffrey (Ed.) **Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism**. Durham: Duke University Press, 2003. p. 201-14.
- _____. **No One Home: Brazilian Selves Remade in Japan**. Stanford: Stanford University Press, 2001. 342 p.
- MISHRA, Sudesh. Diaspora Criticism. In: WOLFREYS, Julian (Ed.). **Introducing Criticism at the 21st Century**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002. p.13-36.

PETERS, John Durham. Exile, Nomadism, and Diaspora. In: NAFICY, Hamid.(Ed.). **Home Exile, Homeland: Film, Media, and the Politics of Place**. New York: Routledge, 1999. p. 17-41.

SAFRAN, William. Diasporas in Modern Societies: Myths of Homelands and Return. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies**. Toronto: University of Toronto Press, v.1, n.1, p. 83-99, 1991.

TÖLÖLYAN, Khachig. Rethinking *Diaspora(s)*: Stateless Power in the Transnational Moment. **Diaspora: a Journal of Transnational Studies**. Toronto: University of Toronto Press, v. 5, n. 1, p. 3-36, 1996.

YAMASHITA, Karen Tei. **Circle K Cycles**. Minneapolis: Coffee House, 2001. 147 p.

Cláudio Roberto Vieira Braga é doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor licenciado da Faculdade Pitágoras (FAP-MG). (braga.claudio@gmail.com)